

NdZula

ECONOMIA & NEGÓCIOS



**A ESCOLHIDA PARA ELEVAR
AS INDÚSTRIAS CULTURAIS E
CRIATIVAS EM MOÇAMBIQUE**

MATILDE MUOCHA



**ARTISTAS E
COMUNICADORES
DISCUTEM SOLUÇÕES
PARA QUE A ARTE SE
AUTO-SUBSIDIE**

MOREIRA CHONGUIÇA

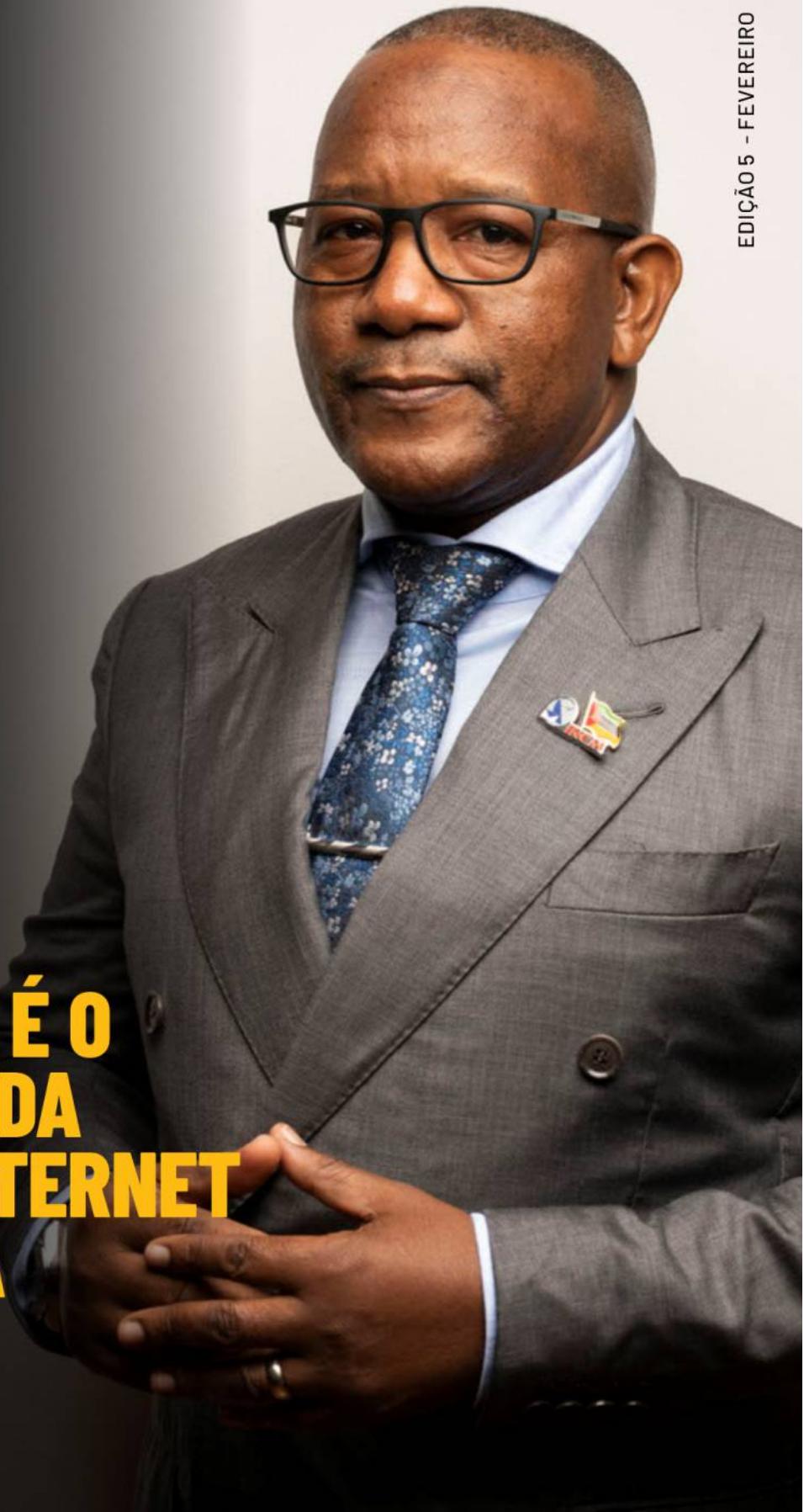


**O IPOME PRETENDE
FORTALECER O
PROCESSO DE
FORMALIZAÇÃO DAS
(MPMES)**

**MOÇAMBIQUE É O
QUINTO PAÍS DA
SADC COM INTERNET
MAIS BARATA
TUWAHA MOTE**

FIGURA DO MÊS

EDIÇÃO 5 - FEVEREIRO



FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL: LETÍCIA MACHAVA

PRODUÇÃO EXECUTIVA: SIMÃO DJEDJE

REDACÇÃO & REVISÃO LINGUÍSTICA: DANIEL JACINTO E CRATYLUS - SERVIÇOS

LINGUÍSTICOS

REPÓRTER: CLÁUDIA NHACASSA

FOTOGRAFIA: DIGI PUBLICIDADE

DESIGN & PAGINAÇÃO: DIGI PUBLICIDADE

IMPRESSÃO & ACABAMENTO: DIGI PUBLICIDADE



01

FIGURA DO MÊS
- TUAHA MOTE - PCA DO INCM

MOÇAMBIQUE É O QUINTO PAÍS DA SADC
COM INTERNET MAIS BARATA

CONTEÚDOS

IPOME
INSTITUTO PARA A PROMOÇÃO DAS
PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS



02

NOTAS DO GESTOR DE CONTEÚDOS

- SIMÃO DJEDJE
Sector açucareiro em Moçambique:
estágio actual e desafios.

03

CAFÉ EMPREENDEDOR

Artistas e comunicadores discutem soluções
para que a arte se auto-subsidie

04

LIFESTYLE +258 - CLÁUDIO LOBO / CHIBAIA

Desafios e Oportunidades na Indústria da
Moda em Moçambique

05

ANÁLISE ECONÓMICA

TSU - Uma sarna que o Governo buscou para
se coçar

06

START-UP GROWTH - TORRADINHAS

Como a Educação Financeira Acelera o
Empreendedorismo?

07

MATILDE MUOCHA - INDÚSTRIAS CULTURAIS E CRIATIVAS

A escolhida para elevar as Indústrias
Culturais e Criativas em Moçambique

08

OUÇA DE ENTREVISTA - INDÚSTRIAS CULTURAIS E CRIATIVAS

Criação da X-HUB e sua influência na
economia criativa local

09

IPOME

O IPOME pretende fortalecer o processo de
formalização das (MPMEs)

10

MAGAZINE - SHELZIA SAMETE MUCAVELE

Numa economia onde a maior parte dos
produtos industriais são importados, há
sempre lacunas por preencher.

11

CRÔNICA

A RETÓRICA DO INVESTIMENTO PESSOAL

NOTAS DO GESTOR DE CONTEÚDOS



SIMÃO DJEDJE

Sector açucareiro em Moçambique: estágio actual e desafios.

Moçambique conta, actualmente, com (4) quatro maiores unidades fabris de açúcar, concretamente em Mafambisse, Maragra, Xinavane e Marromeu, que também tem a sua própria produção de canas através dos seus canaviais, com capacidade para produzir na ordem de 500 mil toneladas e é auto-suficiente na produção do açúcar refinado castanho e branco e ainda exporta o excedente.

"Sector açucareiro em Moçambique um pouco mais amargo nos últimos anos"

Porém a auto-suficiência, é colocada em causa com as últimas notícias sobre a área. O sector vive momentos amargos, visto que no segundo mês de 2022, foi anunciada a queda de 12% devido à incidência de chuva, ciclones e as restrições impostas no âmbito da prevenção da COVID-19, na época agrária 2020-2021. A produção registou uma queda dos 306 mil hectares para 271 mil hectares.

Segundo o estudo "Desafios e Oportunidades da Indústria Açucareira em Moçambique: O Caso de Sofala" apresentado no 47º Conselho Consultivo do Banco de Moçambique, a indústria ainda opera muito abaixo do seu potencial, e a produção actual do açúcar tende a reduzir. Como uma das causas da baixa na área, é a falta de transparência no processo de formação de preços da cana-de-açúcar e ausência de uma estratégia integrada, visando maximizar a cadeia de valor da cana-de-açúcar;

Uma outra constatação do estudo destaca a produção do açúcar que não permite que haja uma estratégia integrada para a exploração dos subprodutos da cana-de-açúcar.

Refere-se também à insuficiente na modernização da produção da cana-de-açúcar, abrindo espaço para produtores independentes.

O estudo aponta igualmente investimento insuficiente em pesquisa e desenvolvimento (por exemplo, em variedades de cana de sacarina com maior rendimento), bem como a insuficiência de investimentos em infra-estruturas de suporte (como por exemplo, para a mitigação dos choques climáticos).

"A produção total do açúcar nos últimos 5 anos atingiu o máximo de 415 mil toneladas em 2019, tendo a cifra recuado para cerca de 270 mil toneladas em 2021, reduzindo, igualmente, a sua contribuição no emprego, no produto interno bruto e na arrecadação de divisas", referiu Rogério Zandamela, Governador do Banco de Moçambique.

"O impacto do sector como fonte de geração de emprego directo e indirecto"

É importante ressaltar que, neste momento Moçambique produziu cerca de 350 mil toneladas de açúcar considerando por outro lado, que o mercado doméstico consome aproximadamente a 250 mil toneladas. Todo o açúcar produzido pelos (4) quatro grandes produtores, é

comercializado através de uma central de vendas denominada Distribuidora Nacional do Açúcar - DNA.

Em Moçambique é notório o impacto do sector como fonte de geração de emprego directo e indirecto, incremento do rendimento familiar e no apoio as comunidades onde as açucareiras estão inseridas. Portanto, vale salientar que a indústria açucareira emprega mais de 35 mil trabalhadores, entre permanentes e sazonais, constituindo portanto o segundo maior empregador depois do aparelho do Estado e, através do efeito multiplicador, o número de moçambicanos dependentes da indústria açucareira atinge os 150 mil concidadãos.

Na província de Sofala em particular, operam 3 fábricas, incluindo uma produtora de açúcar orgânico, no período de pico estas chegam a empregar cerca de 15 mil pessoas numa cadeia de valor que envolve para além das fábricas produtores independentes da cana e transportadoras.

A nível mundial, a indústria do açúcar com o apoio dos respectivos governos, avançou para o aproveitamento integral da cana-de-açúcar com destaque para a produção de energia e biocombustíveis. Este constitui o maior desafio da indústria açucareira moçambicana mas também uma oportunidade no contexto da transição para as energias renováveis.

GRANDE ENTREVISTA

TUAHA MOTE

PCA DO INSTITUTO NACIONAL
DAS COMUNICAÇÕES EM
MOÇAMBIQUE - INCM



MOÇAMBIQUE É O QUINTO PAÍS DA SADC COM INTERNET MAIS BARATA

Em Moçambique, a internet é relativamente limitada, com uma taxa de penetração estimada em cerca de 20 %. Isso se deve, em grande parte, à falta de infra-estrutura e aos altos custos, que dificultam o acesso à internet para muitas pessoas no país. Além disso, a qualidade dos serviços de internet é muitas vezes fraca, com velocidades lentas e interrupções frequentes. Apesar desses desafios, o governo e o sector privado têm empreendidos esforços para expandir o acesso à internet e espera-se que a situação melhore nos próximos anos.

O governo de Moçambique tem implementado várias iniciativas, como o Plano Nacional para a Sociedade da Informação, que visa aumentar o número de pessoas com acesso à internet e melhorar a qualidade dos serviços de internet. Além disso, o governo estabeleceu uma série de pontos de acesso público nas áreas rurais, que fornecem aos residentes acesso gratuito ou de baixo custo à internet.

O sector privado também tem desempenhado um papel importante na expansão do acesso à internet em Moçambique. Várias empresas, como Vodacom, TmCel e Movitel, investiram na construção e expansão da infra-estrutura de internet no país. Adicionalmente, empresas como Google e Facebook investem em iniciativas para expandir o acesso à internet no país, com o objectivo de colocar mais pessoas online.

Apesar destes esforços, ainda existem barreiras significativas no acesso à internet, como a falta de infra-estrutura, principalmente nas áreas rurais. Além disso, os serviços de internet em Moçambique costumam ser caros, o que torna difícil para muitas pessoas pagarem por eles.

No entanto, o país espera melhorar a situação, principalmente com o aumento da infra-estrutura, mais concorrência e mais políticas governamentais para aumentar o acesso à internet para a população.



"A NÍVEL DA SADC, ESTAMOS EM QUINTO LUGAR COMO O PAÍS COM A INTERNET MAIS BAIXA, NÃO SOMOS OS PIORES"

TUAHA MOTE

A Autoridade Reguladora das Comunicações de Moçambique (INCM) é a entidade responsável por regular as telecomunicações, radiodifusão, televisão e outros serviços de comunicação. Ele também é responsável por garantir a competição justa e a protecção dos direitos dos consumidores no sector de comunicações. Ele foi criado em 2009 e está vinculado ao Ministério das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Para melhor perceber como funciona o negócio dos dados móveis em Moçambique, factores que intervêm na qualidades desses serviços e possíveis soluções, a Revista Ndzila teve a oportunidade de conversar com o PCA do Instituto Nacional das Comunicações em Moçambique - INCM, Tuaha Ossifo Chabane Mote.



Como funcionam os planos de dados móveis?

Os planos de dados móveis em Moçambique são definidos obedecendo ao princípio de fixação de tarifa, que possui um preço de referência para o custo da aquisição normal. Mas também existe uma política de fidelização dos clientes, feita pelos operadores, em que a tarifa se torna ainda mais competitiva para determinados clientes que têm que ter maior poder de compra.

O custo do mega, em média, em Moçambique, está por volta de três meticais, mas a operadora com os megas mais baixos é a Movitel, que custa um metical, a Tmcel 3.69 e a Vodacom 2.5 meticais. Este custo varia dependendo do tipo de consumidor. Há consumidores que compram um plano maior, como mil meticais. Eles convertem dados se for cliente do pacote diamante, entre outros. O custo dos

dados, para esses clientes pode ser mais baixo em relação ao outro cliente.

Qual é a posição de Moçambique no ranking da internet móvel mais cara na região?

A nossa lei permite que os principais operadores tenham o gateway individual, que podem utilizar o IXPs de fora de Moçambique, mas também temos o Mozis, que é uma internet entre Internet Connection Power point, que só os operadores podem usar para sair via Moçambique.

Outra situação depende do servidor. Há sites nos quais os internautas procuram navegar e o servidor está baseado em Malásia ou nos Estados Unidos. Isto influencia também no desempenho da velocidade para baixar ficheiros. Então, como envolve vários intermediários, até muitas vezes aqui, essa operadora oferece a baixa qualidade de serviço de dados porque é lento quanto ao baixar, e isso se deve ao

excesso de congestionamento e existência de muitas solicitações. Então, fazer uma métrica nesse sentido de acesso à internet, sem saber em que ponto você está conectado, é um desafio muito grande.

Por que a internet é cara em Moçambique e quais são as condições de mercado que influenciam as altas taxas da banda larga móvel?

Uma das causas que gera a ideia de que as comunicações são caras é, em primeiro lugar, o poder de compra. Ao nível de África, Moçambique está em quinto lugar no ranking dos países da SADC com o custo de internet mais baixo. Não somos os piores. Agora, os custos das comunicações, por si só, têm a ver com o custo de investimento, o custo das manutenções, o volume de negócio que a operadora faz para vender aqueles serviços.



Nas zonas remotas do país, onde deve haver comunicação, uma antena está lá instalada, mas o ARPO, que é a taxa de rendimento por utilizador, não justifica os custos operacionais. Mas, em contrapartida, na cidade de Maputo, há uma antena que produz uma taxa de rentabilidade muito alta. Essas zonas rurais, onde o poder de compra é baixo e o retorno da utilização da internet em relação aos custos de manutenção da antena também é baixo, são subsidiadas pela zonas onde há muito tráfego. Então, para que os operadores continuem a sobreviver no mercado, é preciso fazer um preço igual para que elas possam subsidiar aquelas zonas.

Essa é uma das razões que fazem com que os custos das comunicações em Moçambique estejam ao preço que estão, porque o equipamento, quando comprado de fora para Moçambique – uma vez que não produzimos equipamentos – temos direitos alfandegários, que são 25 % do custo do equipamento, resultante do direito alfandegário. Se houvesse a possibilidade de isenção de taxas de direitos alfandegários para infra-estruturas de comunicações para terminais móveis, a situação do nosso país seria melhor. Se nós tivéssemos um bom poder de compra, nós teríamos aquilo que se chama o efeito da rede. Se tivermos muitos utilizadores à escala, os operadores, provavelmente, reduziriam os custos, mas são poucos que conseguem esse intento. Estes são alguns dos elementos que nós achamos que contribuem

para que tenhamos os preços que temos hoje.

Várias são as causas que levam a que a esmagadora maioria dos países africanos tenham custos muito elevados por 1 gigabyte (1GB). Além da falta de amplas e estabelecidas infra-estruturas móveis e de 4G, em África, os cartões SIM tendem a ser relativamente baratos, disponíveis, mas carregados com quantidades muito pequenas de dados. O que explica esse fenômeno?

O cartão, por si só, dá o direito de aceder aos serviços de comunicação. Eu lembro-me que no passado, para ter um capital inicial, tinha que pagar seiscentos meticais. Hoje não se paga nada, porque há muita gente a aceder aos serviços, o que compensa os investimentos. O facto de se comprar um pacote inicial e se ter poucos dados não é um problema. O problema reside mesmo no poder de compra do cidadão.

O cidadão tem que ter o número, depois recarregar, ocupar uma infra-estrutura de telecomunicações, isso custa dinheiro. Os operadores não conseguiram montar a sua rede e não cobrar nada.

Hoje o utilizador do serviço das comunicações é um utilizador inconformado. Não aceita só falar, quer assistir a um jogo de futebol no seu telefone, baixar, transmitir um vídeo e receber ficheiros de um amigo ou fazer uma gravação de uma festa de

casamento e enviar aquela informação através do WhatsApp. Esta capacitação é feita se houver grande capacidade da rede e a capacidade da rede tem um custo.

Se eu tenho um auto-carro e sempre está cheio, lógico que cobrarei menos. Mas se o carro de setenta lugares só transporta dez pessoas, eu preciso ter menos custo de combustível, manutenção de peças, salário de funcionários, através daqueles que vão pagar pelo meu serviço.

O que acontece com os nossos operadores é que há zonas a população só recarrega com 50 meticais e duram um mês, mas aquela operadora precisa repor as comunicações ou há corte de energia e tem de usar combustível, a operadora deve gastar. Esse é o contexto socioeconómico.

Uma forma de resolver o problema é identificarmos zonas remotas, onde o retorno do investimento é baixo. Lá criamos políticas de incentivo para atrair investimento privado para aquelas zonas. Todavia, o Estado deve implementar políticas

progressistas que permitam que o operador privado invista para ganhar dinheiro. Com esta colaboração, poderemos conseguir que o cidadão consiga conter o número de carga e o problema de desemprego.

Por fim, a literacia é crucial. Precisamos pôr o cidadão a fazer contas e usar os megas para assuntos úteis.



"AS OPERADORAS ESTÃO PREPARADAS PARA SUPRIR AS NECESSIDADES DOS MOÇAMBICANOS"

Tuaha Mote

Estarão as operadoras preparadas para servir à comunidade moçambicana, sem alegar a sobrecarga de usuários?

Como engenheiro, ressalto que a lentidão no processamento de dados pode ser causada pelo seu telemóvel, talvez porque a memória está cheia e não tem capacidade de processamento. Outra causa pode ser a ligação entre a sua operadora e o seu provedor, que é pequena quando há muitos utilizadores. Dá-se o mesmo quando há muitos carros, o tráfego fica lento. A auto-estrada por ser rápida, mas lá na saída há um gargalo pelo qual todos têm de passar. Às vezes o problema está com o lugar onde se vai buscar a informação.

Agora, como regulador, digo que ninguém investe para perder dinheiro. Temos certeza que os operadores estão atentos ao tráfego que eles têm e fazem o grande esforço para solucionar os seus problemas. Nós apenas controlamos a qualidade dos serviços.

Temos métricas que verificamos se os operadores satisfazem. Controlamos o tempo que o servidor em que deve estar para a execução de uma certa acção. Do ponto de vista regulatório, colocamos balizas sobre o mínimo de garantias. Se for uma chamada de voz ou tentativa de ligar para seu número e não conseguir, isso tem que ter um número limitado.

O nível de sucesso de chamada tem que ser este. Os operadores

satisfazem essas métricas. Por outro lado, também temos de compreender que os operadores não podem super-dimensionar a sua rede, senão a maioria do tempo vai ficar ociosa, tem que se permitir algum congestionamento.

Então, respondendo à sua pergunta, sim, os operadores têm capacidade e devem ter capacidade de olhar o seu tráfego a tempo e fazer uma renovação da sua infra-estrutura. Se as operadoras não tiverem boa qualidade ou há muito congestionamento, nós notificamos para que elas melhorem.

Quais são os critérios exigidos pelo INCM para que uma operadora se instale em Moçambique?

Uma das primeiras acções que nós fazemos, nos termos e condições de licença, para que um operador seja autorizado a operar no mercado moçambicano, tem de obedecer a uma meta de quantas antenas tem que instalar, logo a partida. A operadora deve apresentar um plano anual de expansão da rede e nós monitoramos.

Para além dos termos de condição de licença, nós já adoptamos algumas medidas regulatórias que incentivam a expansão da rede, uma delas, onde o operador acha que não tem o retorno do investimento. O governo investe com fundos públicos e ICMS, de gestor do Fundo Autónomo, fundo do acesso universal, que é para implantar infra-estruturas onde os operadores não estão a ver a oportunidade de negócio.

"Quando a operadora não tem retorno em uma área, o governo subsidia para que a população tenha acesso a rede"

- Tuaha Mote

Porque o governo, as comunicações têm dois valores: valor comercial e valor público. Já para o operador, as comunicações têm um valor comercial. O valor público, para nós, existe se conseguirmos permitir que o cidadão tenha acesso à internet, para melhorarmos a sua educação, gerarmos emprego e garantirmos a assistência médica.

Para além desses benefícios, o acesso à internet pode melhorar a produção agrícola. Uma população que gera riqueza gera conhecimento e o Estado sai a ganhar com esse cidadão. O outro factor de interesse do Estado com as comunicações é a inclusão social. Uma das maiores preocupações dos governos, hoje, em todo o mundo, é a inclusão social. E não se pode falar da inclusão social sem se falar da inclusão digital.

Caminhamos cada vez mais para um cenário em que todos os serviços, incluindo públicos e privados, estarão online. Temos de garantir que ninguém fique para trás e isso só pode ser possível se as comunicações chegarem a todos. Esta é a nossa maior preocupação como regulador.



DEIXA AS TUAS
REDES SOCIAIS
**NAS MÃOS DE
PROFISSIONAIS**

WWW.DIGI.CO.MZ



CELL: +258 84 925 2464

 **digi** .co.mz



TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO E VÍDEOS

Com profissionais de fonética e fonologia.



Comunique com sucesso!

 Avenida Vladimir Lenine, 3454, Maputo-Moçambique

 cratylus.info@yahoo.com

CAFÉ EMPREENDEDOR

Artistas e comunicadores discutem soluções para que a arte se auto-subsidie



Fontes: Moreira Chonguiça, Taussy Daniel, DJ Faya e Sheila Ibrahimo.

Actualmente, vários projectos artísticos, sejam eles pequenos ou grandes, acabam recorrendo a subsídio de empresas bancárias e outras para que possam sobreviver ou se realizar no mercado. Este cenário entristece artistas como Moreira Chonguiça, Taussy Daniel e DJ Faya.

Falando durante a 9ª Conferência Nacional do Empreendedorismo, realizada em Novembro de 2022, na cidade de Maputo, organizada pela Associação Nacional dos Jovens Empresários, ANJE, Moreira Chonguiça, saxofonista moçambicano, revelou que ainda não é visível a posição dos artistas no mercado das indústrias criativas, porém não tira mérito à posição alcançada actualmente.



"Se somos jovens e acreditamos em nós, nada nos pode parar"

- Moreira Chonguiça

Moreira propõe que, para se alcançar a meta desejada, deve-se, a priori, olhar para o mundo das artes de forma transversal e, assim, aproveitar-se várias oportunidades numa mesma área.

O artista chamou, também, à atenção a juventude e propôs que sejam "loucos", que tentem de tudo, pois acredita que não existe melhor momento para falhar. "Hoje temos Faya, Elon Musk, Taibo, dentre outros. Para chegarem onde estão, estes também falharam, mas, nós temos algo a nosso favor: energia e coerência. O músico destacou que com estas parcerias inteligentes não há como "não dar certo", mas alerta que as marcas ouvem e leem projectos todos os dias, daí que se precisa encontrar uma outra forma de abanar o país, com mais energia e visão.

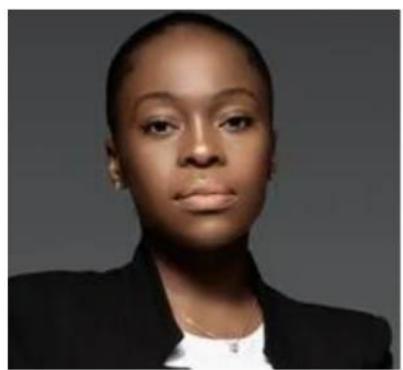


"Há lugar para todos no entretenimento"

- DJ Faya

Fayaz Hamide ou DJ Faya, como é conhecido no mundo artístico, deixou ficar a sua opinião sobre o entretenimento como negócio. O DJ argumentou que o entretenimento é um grande negócio e existem oportunidades para todos, desde que se consiga segmentar como deve ser, olhar para as vantagens e desvantagens que o negócio pode trazer.

Faya deixou ficar, também, alguns desafios que atrapalham o desenvolvimento do entretenimento na área de eventos. O artista destacou que é reduzido o número de casas de pastos, hotéis, restaurantes e mais recursos tecnológicos em Moçambique, o que obriga a recorrência a África do Sul.



"Moda também é cultura e temos potencial, mas falta apoio"

- Taussy Daniel

Por sua vez, a estilista Taussy Daniel salientou que moda é um dos futuros e presente de Moçambique, pois uma nação sem moda ou identidade é considerada inexistente, mas sente que a moda ainda não é acolhida como parte da arte e da cultura moçambicana: "ainda não é valorizada como se deve, o que coloca a nossa classe, a da vanguarda, numa situação muito crítica".

Segundo contou a estilista, no ano de 2022 recebeu quatro convites para realizar exposições em países estrangeiros. Por falta de condições para sustentar os custos das exposições, recorreu a alguns bancos e as respostas quebraram seu coração. Os bancos alegaram não patrocinar moda, apenas literatura, pintura e outras manifestações artísticas.



"Isto é negócio, ninguém vai dar nada a ninguém"

- Sheila Ibraimo

Sheila Ibraimo, uma das participantes do evento, em sua intervenção, revelou que nenhum artista é obrigado a fazer parte da área, daí que estes devem ser, em primeiro lugar, os seus motivadores e patrocinadores, de tal forma que devem parar de reclamar e focar na resolução do problema, para que as gerações futuras não passem pelo mesmo. A comunicadora e empresária comentou, também, que os artistas não precisam prioritariamente de patrocínios, mas sim de parceiros.

Ao longo dos 12 anos de sua existência, a ANJE tem-se destacado no desenvolvimento de acções de capacitação de jovens empresários, seus membros, visando elevar a competitividade destes no mercado e permitir o acesso rápido à informação sobre oportunidades de negócio e

legislação económica. Assim, os jovens empreendedores podem, em conformidade com o quadro legal de exercício da actividade económica em Moçambique, concretizar as suas ideias e projectos de negócios

A ANJE tem vindo a destacar, igualmente, acções de lobby e advocacia em prol do florescimento do empresariado entre os jovens.

Depois da sua constituição em 2010, a ANJE decidiu lançar a conferência nacional de empreendedorismo, um evento anual que funciona como um mecanismo de promoção de negócios de jovens em Moçambique a todos os níveis, baseada na facilitação das ligações entre empreendedores desta camada social e com as entidades sociais, oportunidades de negócio e linhas de financiamento ou projectos de apoio às iniciativas juvenis.

O evento serve, também, para expor produtos e serviços oferecidos por jovens empreendedores, oportunidades de negócios para jovens, potencialidades para investimento dos jovens no país, entre outros.

Ndzila

ECONOMIA & NEGÓCIOS

ANUNCIE AQUI



MAIS DE 6 CANAIS
DE COMUNICAÇÃO



ALCANCE
+100 000 PESSOAS



LEITORES
ASSÍDUOS

+258 84 000 0000 | geral@ndzila.co.mz

Revista Ndzila | Revista Ndzila | Revista.Ndzila | www.ndzila.co.mz

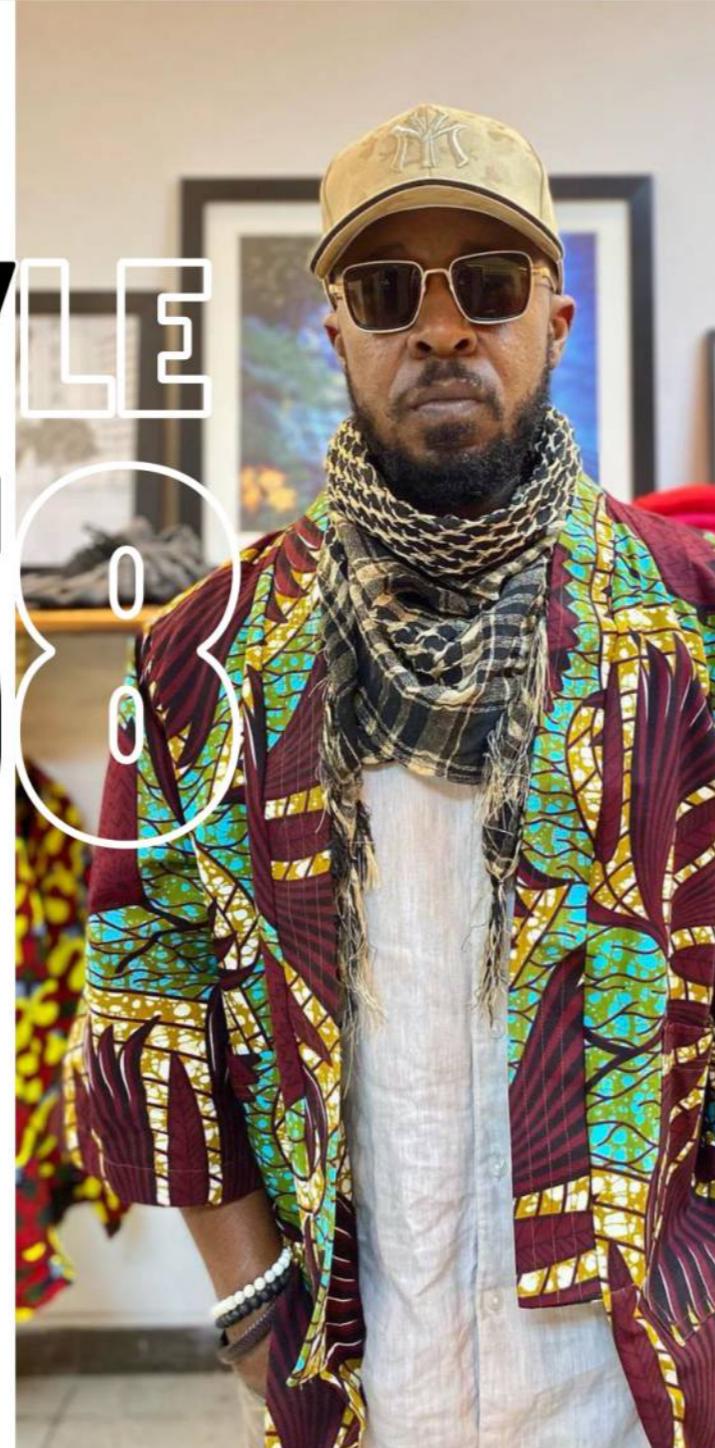
LIFESTYLE

+25

DESAFIOS E OPORTUNIDADES NA INDÚSTRIA DA MODA EM MOÇAMBIQUE

"A falta de fornecedores de matéria-prima e insumos para a produção de roupas dificulta o crescimento indústria da moda em Moçambique", afirma Chibaia.

A indústria da moda é uma das mais dinâmicas e inovadoras indústrias do mundo, mas a mesma, também, enfrenta desafios em todo o globo. Nesta entrevista, com o Designer moçambicano de moda, Cláudio Lobo, conhecido como Chibaia, exploraremos os principais obstáculos que a indústria da moda encara em Moçambique e discutir como eles afectam a produção, o consumo e a distribuição de produtos de moda no país. Além disso, examinaremos as soluções e iniciativas que estão sendo tomadas para superar esses desafios e



impulsionar o sector da moda em Moçambique.

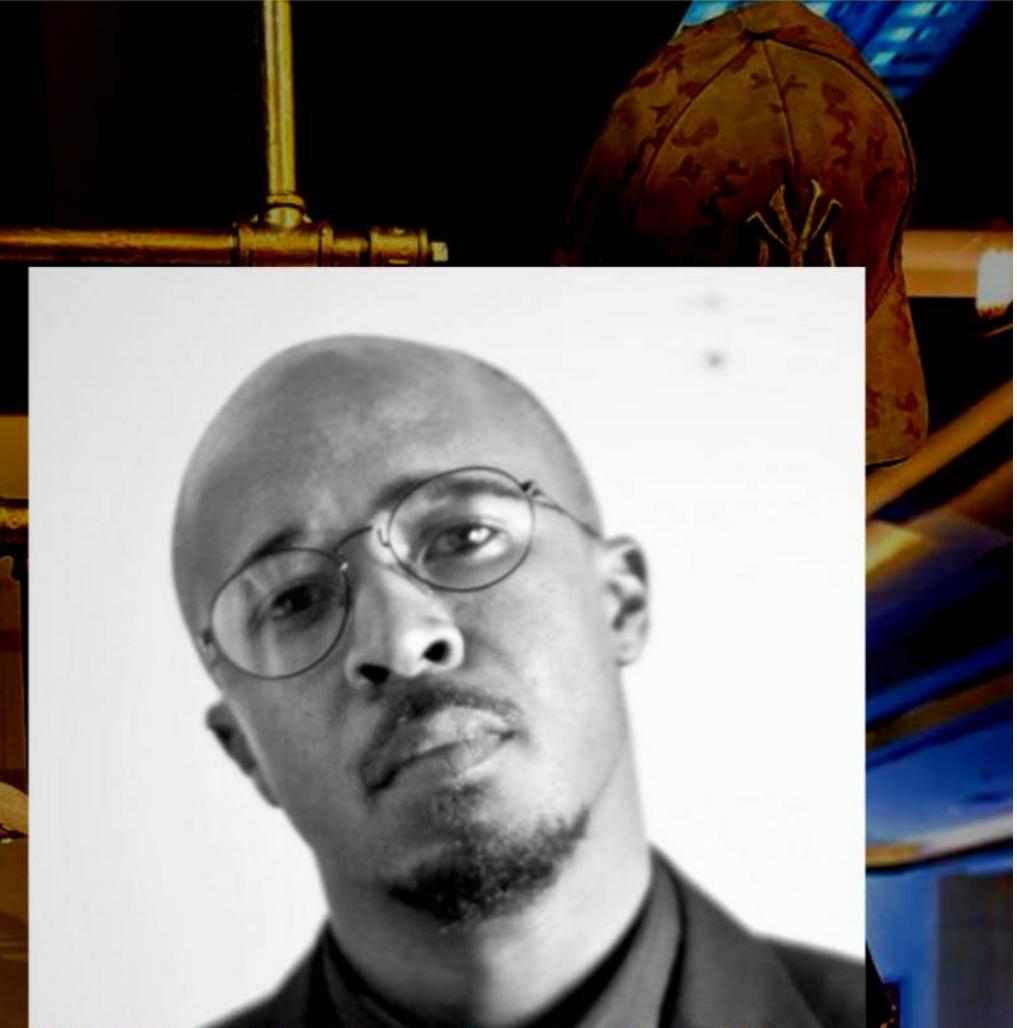
A Chibaia é uma empresa moçambicana de moda que se especializa na produção de casacos feitos à capulana, um tecido tradicional africano. A carreira de Cláudio Lobo começa em 2012, mas a sua empresa – Companhia de Roupa Chibaia – foi criada legalmente em 2014. A empresa é reconhecida a nível nacional pela sua especialização. Todavia, no começo, estreou com apenas 4 peças de roupa que foram bem recebidas, e delas expandiram-se para 8.

Avaliando o estágio actual da moda em Moçambique, Chibaia acredita que a indústria esteve estagnada por um tempo, mas, nos últimos anos, o ambiente tende a melhorar e mudar para uma nova fase. Contudo, ainda há desafios a serem superados, como a falta de infra-estrutura adequada – fábricas e tecnologias de produção – falta de mão-de-obra qualificada e dificuldades na cadeia de suprimentos. A falta de fornecedores de matéria-prima e insumos para a produção de roupas dificulta o crescimento indústria da moda em Moçambique.

O surgimento de Mozambique Fashion Week ajuda a mudar as coisas, pois é um espaço onde especialistas da área, agentes e outros interessados na moda reúnem-se para discutir e apresentar soluções para os problemas. "Os festivais ajudam muito, pois podemos interagir com outros estilistas, músicos e outras pessoas da mesma área. Como empreendedores, muitas vezes focamo-nos em nossa marca que não nos damos tempo para interagir com profissionais da nossa área", salientou Chibaia.

De acordo com a nossa fonte, a capulana está a tornar-se cada vez mais popular ao redor do mundo graças à diversificação da moda. A Chibaia procura trabalhar com os melhores materiais de capulana, importando-os do Líbano e da Índia, e utiliza o design moçambicano para confeccionar suas peças.

"não é fácil porque é uma indústria muito jovem, ainda em desenvolvimento, mas acredito que sim, é possível. Agora, viver de uma marca de moda, aqui em Moçambique, é outra questão, que acredito ser um pouco difícil, mas não impossível".



O preço de uma peça depende de vários factores, incluindo os materiais utilizados e o processo de produção, que pode ser feito à mão ou com máquinas.

Questionado se é possível viver de moda em Moçambique, respondeu que era possível e até se tornar rico, porém

"não é fácil porque é uma indústria muito jovem, ainda em desenvolvimento, mas acredito que sim, é possível. Agora, viver de uma marca de moda, aqui em Moçambique, é outra questão, que acredito ser um pouco difícil, mas não impossível".

Infelizmente, Lobo lamentou o facto de a Chibaia ainda não produzir seus próprios tecidos de capulana, mas que essa pretensão faz parte de sua agenda, a medio e longo prazo

Chibaia incentivou os jovens empreendedores a persistirem, mesmo diante de fracassos, e a continuarem a tentar e a se adaptar até encontrarem o sucesso. "A indústria da moda ainda está em desenvolvimento no país, mas é possível alcançar sucesso, desde que haja muita dedicação", encerrou Chibaia.

TSU

UMA SARNA QUE O GOVERNO BUSCOU PARA SE COÇAR



O Governo anunciou, em 2022, a introdução da Tabela Salarial Única, que tinha como objectivo valorizar as competências dos funcionários do Estado, melhorar a sustentabilidade salarial, harmonizando os salários e respeitando a regra dos 10 % do PIB moçambicano.

A tabela, que instalou expectativas de felicidade e harmonia entre o sector público, hoje causa discórdia, greves e ataques ao Governo pelos seus funcionários e pela opinião pública, por conta da fórmula usada para calcular os salários, os montantes a receber e, principalmente, do atraso no pagamento dos salários.

Dos acontecimentos marcantes, destaca-se a sarcástica manifestação dos professores, que beberam água e tocaram batuques, em resposta ao pedido do Presidente da República, Filipe Jacinto Nyusi, para que ficassem calmos, pois não podiam parar de comer e beber por conta da nova tabela. Os médicos negaram-se a trabalhar, deixando milhares de moçambicanos à deriva, porém, por misericórdia, retomaram as suas actividades dois meses depois.

Para dialogar sobre estes assuntos, o CIP, Centro de Integridade Pública, promoveu o Webinar "Vamos lá falar sobre TSU e TSA", no dia 24 de Janeiro do ano em curso.



"TSU é um aumento salarial hipotético"

- Estrela Charles -
Pesquisadora do CIP

Segundo um estudo apresentado por Estrela Charles, as despesas do Governo, quanto ao pagamento de salários, têm vindo a aumentar ao longo dos anos. De 2017 a 2023, as despesas aumentaram em mais do que a metade, saindo de 81.1 000 milhões para 185.3 000 milhões, o que coloca o Governo quase com incapacidade de suprir as suas necessidades, pois este precisa de 28 mil milhões de meticais para implementar a TSU, valor diferente do anunciado na Assembleia da República.

Segundo um estudo apresentado por Estrela Charles, as despesas do Governo, quanto ao pagamento de salários, têm vindo a aumentar ao longo dos anos. De 2017 a 2023, as despesas aumentaram em mais do que a metade, saindo de 81.1 000 milhões para 185.3 000 milhões, o que coloca o Governo quase com incapacidade de suprir as suas necessidades, pois este precisa de 28 mil milhões de meticais para implementar a TSU, valor diferente do anunciado na Assembleia da República.

A pesquisadora fez uma comparação entre a tabela actual e a antiga, da qual constatou que a diferença entre o nível mais baixo e o mais alto entre as duas tabelas tornou-se maior. Antes havia uma diferença de 20.1 milhões. Na nova tabela a diferença é de 152 milhões de meticais.

Um outro facto que deu e ainda dá de falar sobre a TSU é a questão da redução dos salários, como é o caso dos funcionários do Ministério da Economia e Finanças que, para além do salário básico, tinham algum subsídios.

"Se antes o técnico recebia 41 mil, na TSU, passa a receber 37 mil por conta dos cortes dos subsídios, daí que não podemos afirmar que todo funcionário público teve um aumento salarial"

"Tabela Salarial Única está a prejudicar o funcionamento da função pública"

- Sindicato da Função Pública, docentes universitários e médicos moçambicanos

Durante o debate virtual, quando o secretário do Sindicato Nacional da Função Pública, Fernando Congolo, recebeu permissão para colocar as suas insatisfações e pontos de vista sobre o assunto, revelou que tem sido difícil negociar os seus salários por conta dos constrangimentos impostos pela legislação em vigor

«Colocou-se muitas barreiras para que o Sindicato da Função Pública não possa encontrar espaço para diálogo na defesa dos funcionários do Estado. São exigidas assinaturas de 5% de mais de 300 mil funcionários públicos, e isto tem custos muitos elevados»

revelou Congolo.

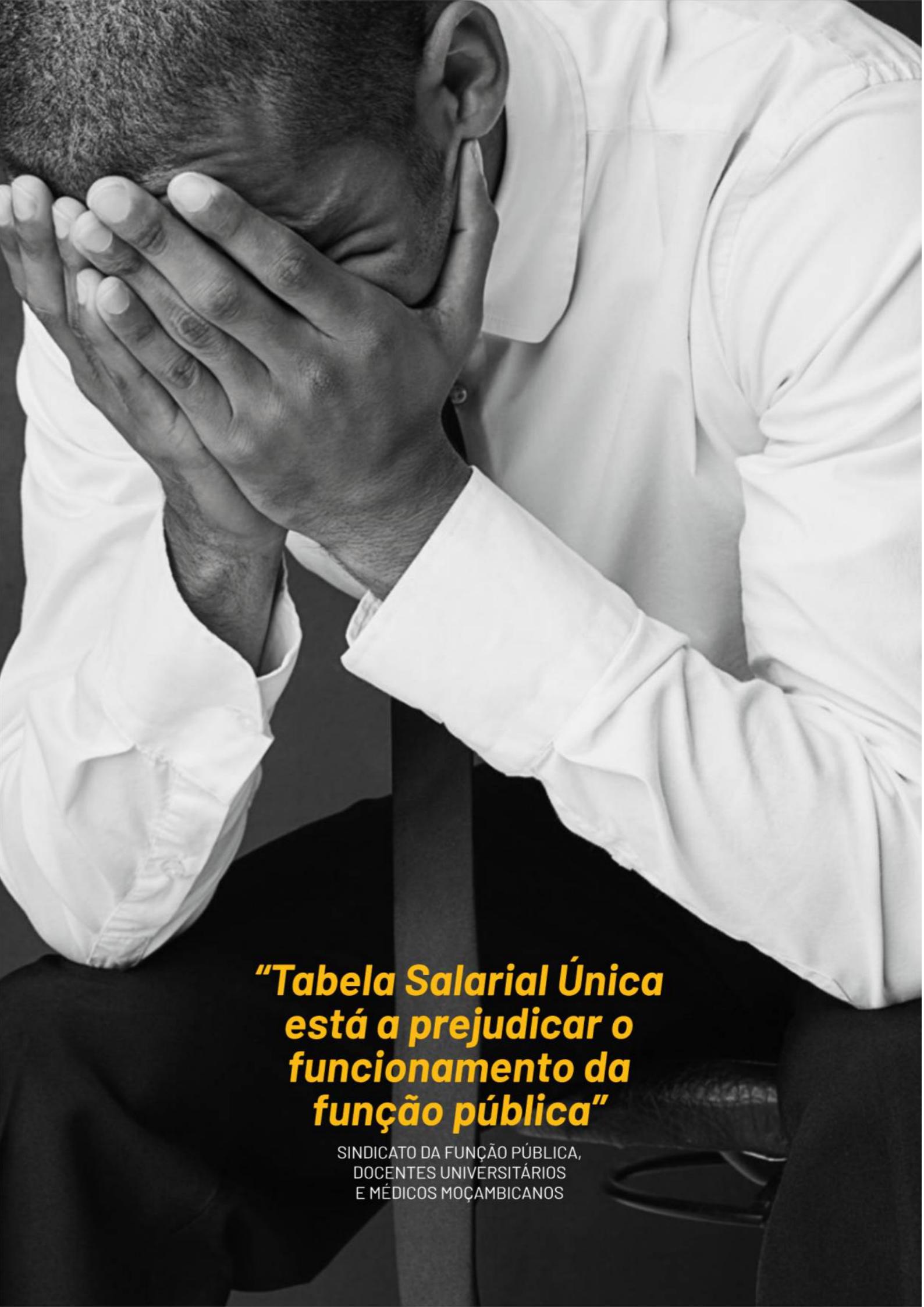
O presidente da Associação Médica de Moçambique, Henriques Viola, por sua vez, revelou não entender e nem encontrar explicação para o porquê a medida abrange quase todos os funcionários públicos, enquanto que, inicialmente, foi anunciado que apenas os salários de altos dirigentes seriam mexidos para se criar equilíbrio.

"Se as coisas continuarem como estão depois dessas reduções, não temos dúvidas de que o nível de insatisfação,

que já é bastante alto, vai continuar a aumentar e poderá levar a situações a que nós não queríamos voltar, como a greve" disse com muita tristeza.

O coordenador executivo da Associação dos Docentes Universitários, Hilário Chacate, acusa o Governo de violar o princípio legal da irredutibilidade do salário, pois no mês de Outubro, houve um grupo de pessoas que recebeu salários satisfatórios e, no mês seguinte, reduziu estes salários em 40%, algo que vê como inaceitável.

"O cidadão já não sabe se deve confiar no governo, pois hoje diz uma coisa e amanhã faz outra, dando uns pontapés na lei. Isso, para mim, é muita falta de respeito" confessou o coordenador, lembrando que os funcionários planificam a sua vida olhando para o salário. Quando algo como o que a TSU acaba de criar acontece, a pessoa fica desnorteada.



"Tabela Salarial Única está a prejudicar o funcionamento da função pública"

SINDICATO DA FUNÇÃO PÚBLICA,
DOCENTES UNIVERSITÁRIOS
E MÉDICOS MOÇAMBICANOS

COMO A EDUCAÇÃO FINANCEIRA ACELERA O EMPREENDEDORISMO?

"Ser empreendedor é muito desafiador e exige inteligência emocional para gerir um milhão de momentos que nos podem afectar e, às vezes, nos fazer desistir"



ALFREDO MALINGA

A Torradinhas nasceu de uma ideia simples, mas ambiciosa, que rodou a cabeça de Alfredo Malinga. No bairro de Zimpeto, próximo à residência de seu fundador, havia uma senhora que vendia amendoim todos os dias. Inspirado pela habilidade de Dona Fátima e pela possibilidade de revolucionar a maneira como o amendoim era vendido, Malinga decidiu investir na criação da Torradinhas, com a proposta de produzir e vender o amendoim embalado de forma inovadora.

Com o apoio de seu melhor amigo, o visionário conseguiu reunir o capital necessário para

montar a unidade de produção, contratar a Dona Fátima como consultora técnica e contratar mais pessoas para trabalhar na produção e promoção de vendas. Antes de iniciar as actividades, foram realizadas pesquisas de mercado que apontaram tantas oportunidades quantos desafios.

Apesar das dificuldades, a Torradinhas iniciou suas actividades em Julho de 2018 e teve um primeiro mês de sucesso, com vendas expressivas graças à embalagem inovadora.

Em 2019, desenvolveu o "mix de Nuts", cuja ideia era juntar amendoim e castanha no

mesmo pacote, mas adicionando uvas e bananas desidratadas e pepitas de chocolate.

Engana-se quem pensa que a Torradinha apenas teve um único momento de queda até alcançar o sucesso. Segundo o seu fundador, Alfredo Malinga, a empresa já fechou cerca de 3 a 4 vezes, quando as vacas estiveram magras como nunca. Após um mês de operações, a Torradinhas enfrentou sérios problemas financeiros, devido

ao elevado custo de produção em relação ao preço de venda. A empresa fechou as portas e ficou com dívidas por pagar aos trabalhadores. Entretanto, entre o início das actividades e Janeiro de 2020, a Torradinhas funcionou com relativo sucesso, fornecendo um produto de qualidade e inovador ao mercado, em cerca de 200 lojas em todo Moçambique.

"Há momentos que não sabia como pagaria os custos de produção altos e insustentáveis. Tive várias perdas de matérias-primas e de dinheiro, e falta de credibilidade por ser novo em termos de idade. Esse momento é marcante porque comecei a criar minha barba justamente porque era desprezado e não tinha credibilidade pela idade. Então comecei a criar barba para parecer mais velho".

Sobre a sua perspectiva de empreendedorismo em Moçambique, a fonte acredita que o país não é particularmente favorável ao empreendedorismo, pelo menos em comparação com outros países. A falta de apoio e o ambiente desfavorável faz com que muitos empreendedores enfrentem dificuldades ao começar e para manter seus negócios. No entanto, acredita que a essência do empreendedorismo é a mesma em todo o mundo, ***"surgir para resolver problemas da sociedade oferecendo bens ou serviços"***

inovadores ou, então, motivado pela necessidade de se auto-empregar".

Mas está ciente de que, na realidade, as condições económicas, políticas, financeiras e outros factores externos influenciam significativamente na qualidade e no sucesso do empreendedorismo. Por isso, é importante que os empreendedores em Moçambique encontrem maneiras de superar essas barreiras e criarem oportunidades para si mesmos e para seus negócios.

Questionado sobre como obter dinheiro com apenas uma boa ideia, contou que muitos empreendedores se deparam com a questão de como obter financiamento para seus negócios. Contudo Malinga advertiu que nem todos os negócios precisam de grandes quantidades de dinheiro para serem iniciados.

"De facto, é possível iniciar um negócio com o que já se tem, seja vendendo bens pessoais ou utilizando recursos que já se possuem. É crucial que o empreendedor seja o primeiro a sacrificar e correr riscos, pois isso demonstra sua confiança no sucesso do negócio. Se o empreendedor não está disposto a fazer isso, é difícil esperar que outros acreditem no negócio".

Além disso, é importante começar pequeno. Alfredo Malinga é firme na ideia de que empreendedores com recursos limitados, mas que

possuem humildade para se contentar com ambições menores, geralmente são mais bem-sucedidos, pois desenvolvem projectos realistas e encontram maneiras de improvisar o mínimo necessário para começar. Ao longo do tempo, esses negócios podem crescer e expandir-se, mas é importante começar com um pé firme.

Em relação à falta de confiança dos investidores, revela que é necessário que o empreendedor tenha uma proposta sólida, que demonstre claramente como seu negócio irá gerar retorno para os investidores.

Para o ano em curso, o fundador da Torradinhas perspectiva aumentar o seu nível de produção, pois o preço da matéria-prima está acessível e ainda não há indícios de uma crise rígida. Isso é favorável e cria um ambiente fértil para dominar o mercado nacional e, por fim, o internacional.

A história da Torradinhas é uma lição sobre os desafios e as oportunidades do empreendedorismo. Embora a empresa tenha enfrentado dificuldades, seu legado permanece como uma homenagem à coragem e ao espírito empreendedor de seus fundadores, que souberam transformar uma simples ideia em uma empresa que trouxe inovação e qualidade ao mercado de vendas de amendoim.

Castanha saborizada

- Castanha Salgada Picante
- Amendoim Doce
- Castanha Caramelizada com Coco
- Castanha Torrada Simples
- Castanha Salgada
- Mix de nuts

4 x 250g
1395
free delivery



DISPONÍVEL NA LOJA ONLINE
WWW.TORRADINHAS.COM



É LOCAL
É NOSSO

FLOR

Flor de café



No seu alpendre rústico, preenchido de sofás de palha, orgulhosamente "Made in Moz", o Flor de Café oferece o local ideal para um pequeno-almoço refrescante e calmo em qualquer dia da semana ou, por outra, um copo descontraído com os amigos e os primos no fim de uma longa tarde de trabalho. Com um menu simples, porém diversificado e acessível, o Flor de Café serve desde saladas, massas e hambúrgueres à pratos do dia como feijoada, atum na brasa e stroganoff de frango. Mais do que alimentar o físico, o Flor de Café é o sítio a visitar para todo bom amante de arte, que poderá se deliciar na sua Galeria com rotação de exposições de artes plásticas e também com livros de escritores nacionais sempre à venda!



MATILDE MUOCHA

**A ESCOLHIDA PARA ELEVAR
AS INDÚSTRIAS CULTURAIS
E CRIATIVAS EM MOÇAMBIQUE**

■ INDÚSTRIAS CULTURAIS E CRIATIVAS ■

“Faz parte da minha
agenda trabalhar
para a
profissionalização
de todos os
intervenientes na
cadeia de valores
das Indústrias
Culturais e
Criativas”

MATILDE MUOCHA

Moçambique é um país com uma rica tradição cultural e criativa, com muitos artistas e criadores talentosos. No entanto, as indústrias culturais e criativas em Moçambique enfrentam desafios, como a falta de financiamento e infra-estruturas adequadas. Pensando na resolução e desenvolvimento da área em Moçambique, a especialista em Indústrias Culturais e Criativas, Gestora de Cultura e Criatividade para o Desenvolvimento, Matilde Muocha foi chamada para ocupar o cargo de Directora Geral do Instituto Nacional das Indústrias Culturais e Criativas (INICC).

A sua tomada de posse teve lugar na terceira semana de Outubro do ano transacto. A Ndzila esteve à conversa com a recém-nomeada Directora do INICC, em seus escritórios, para falar sobre o estágio actual das indústrias culturais e criativas em Moçambique, e a sua transformação lucrativa, assim como os seus planos com a nova máquina que dirige.

Ndzila - O que são indústrias culturais e criativas? Que sectores fazem parte destas indústrias?

No geral, é um conjunto de sectores que estão baseados na exploração comercial do conteúdo cultural, das ideias, das habilidades e das capacidades humanas individuais assentes no património cultural local. A sua principal função é gerar bens e serviços para o consumo em massa.

Em primeiro plano, as indústrias culturais e criativas comprometem-se com a geração de direitos de propriedade intelectual; em segundo, tem em vista a criação de postos de trabalho e de renda.

Quanto aos sectores envolvidos nas indústrias culturais e criativas, destacam-se as áreas da cultura tradicional – as artes performativas, a música, a dança, o teatro, a literatura – a arte do design no seu completo e as derivações internas, a moda, entre outras. Ademais, as áreas criativas ligadas à tecnologia, como o desenvolvimento de videojogos, de softwares, também fazem parte das indústrias culturais e criativas.

Outrossim, as artes plásticas – as artes visuais, a fotografia, a escultura – as áreas de produção audiovisual e

Daquilo que nós podemos alistar e está de acordo com a política das Indústrias Culturais e Criativas, nós temos por volta de dezesseis a vinte subsectores das indústrias culturais e criativas. É um universo muito grande. Este conceito "Indústrias Culturais e Criativas", em verdade, acaba sendo um pouco egoísta, porque, no final do dia, é só criatividade humana, e já houve várias discussões a nível da literatura universal sobre o assunto. A criatividade é inerente ao desenvolvimento humano e é um alimento que impulsiona o desenvolvimento.

Há criatividade na indústria farmacêutica, na biologia e em tantas outras áreas, mas o enfoque vem exactamente para poder trabalhar com as áreas tradicionais da cultura, que veiculam símbolos, conteúdos de património cultural, conteúdo das formas de ser, estar e pensar das comunidades e a sua transformação em bens e serviços que tem um valor económico.

"Quando percebermos que fazemos parte de uma economia baseada na criatividade, poderemos transformá-la em uma indústria criativa"

Ndzila - É indiscutível o papel que a criatividade exerce na economia actualmente. Nesta perspectiva, como transformar a criatividade numa verdadeira indústria lucrativa para a economia nacional?

É uma acção multissetorial e, acima de tudo, exige o reconhecimento da cadeia de valor e das responsabilidades de cada um dos seus integrantes. Nós temos que perceber que fazemos parte de uma economia baseada na criatividade, para podermos compreendê-la e transformá-la em indústria.

Dou-vos um exemplo considerado dos sectores estratégicos de desenvolvimento industrial moçambicano. Ao reconhecer isso, significa que é preciso compreender a cadeia de valor da indústria têxtil. Começa do produtor do algodão. Este produtor tem todo o processamento e todas as fases de desenvolvimento da cadeia, por forma a termos a matéria-prima pronta para cair nas mãos de um desenvolvedor de design têxtil. Pensar na indústria têxtil no nosso país não é apenas sobre maquinaria, é pensar na cadeia de produção, entrar para o desenvolvimento do têxtil.

Este dado leva-nos a concluir que é preciso haver um impulso à capacidade interna de desenvolvimento de padrões. Isso significa envolvimento no investimento em escolas criativas, como o caso das artes visuais.

Estamos a falar, talvez ao nível dos sectores tradicionais, como das artes plásticas, para que se compreenda como uma das vertentes pode explorar o desenvolvimento de padrões a partir da sua inspiração em artes plásticas, para poderem desenvolver padrões têxteis. Assim, se nós tivermos este padrão desenvolvido, poderemos ter, internamente, uma capacidade de produção.

Outro dado a frisar é que o nosso sector cultural e criativo é de micro-empreendimentos em fase embrionária. Hoje temos uma ou duas fábricas de impressão têxtil, mas as quantidades mínimas deveriam partir, por exemplo, de 1.500.00 metros. E o nosso empreendedor precisa imprimir 10 a 30 metros. Internamente, não há capacidade para ele, por isso procura em outros países que tenham os seus padrões e a preço mais barato, geralmente no continente asiático.

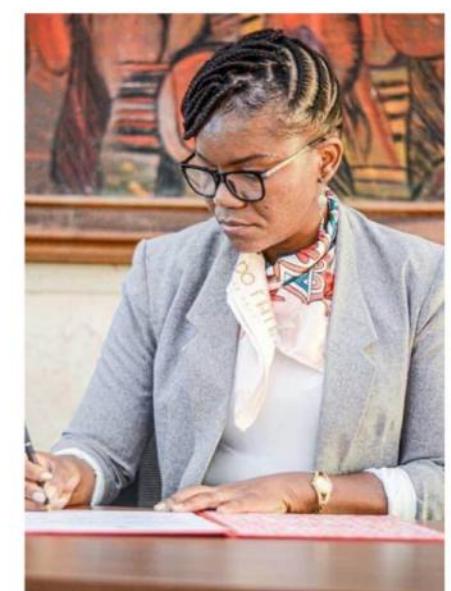
Caso se vá imprimir no continente asiático, o produto moçambicano acabado volta para o nosso território e é considerado como um produto importado, de tal forma que é taxado como tal, com os direitos aduaneiros que têm de ser pagos.

Nós temos uma indústria, mas devemos compreender o funcionamento da cadeia de valor desde a criação, produção, distribuição ao consumo. Ao entendermos isso, prosseguimos com a identificação dos nós de estrangulamento.

que já é bastante alto, vai continuar a aumentar e poderá levar a situações a que nós não queríamos voltar, como a greve" disse com muita tristeza.

O coordenador executivo da Associação dos Docentes Universitários, Hilário Chacate, acusa o Governo de violar o princípio legal da irredutibilidade do salário, pois no mês de Outubro, houve um grupo de pessoas que recebeu salários satisfatórios e, no mês seguinte, reduziu estes salários em 40%, algo que vê como inaceitável.

O cidadão já não sabe se deve confiar no governo, pois hoje diz uma coisa e amanhã faz outra, dando uns pontapés na lei. Isso, para mim, é muita falta de respeito" confessou o coordenador, lembrando que os funcionários planificam a sua vida olhando para o salário. Quando algo como o que a TSU acaba de criar acontece, a pessoa fica desorientada.



Se activamos os quatro elementos da cadeia de valor - criação, produção, distribuição e consumo dos produtos - e não identificamos os nós de estrangulamentos para trabalhar na sua mitigação, então não estamos a caminhar para uma indústria. Precisamos fazer um investimento para a activação da cadeia de valor da indústria cultural e criativa.

Ndzila - A Indústria Criativa possui foco no sector da economia, que tem o capital intelectual como a principal matéria-prima na produção de bens e serviços. Interessa-nos saber se há acções em curso da indústria criativa para a valorização desse capital. Como isso contribui para o desenvolvimento local, para a geração e criação de oportunidades de emprego, bem como para a formação de profissionais criativos em Moçambique?

A Makobo, por exemplo, dirigida por Rui, que trabalha com pessoas vulneráveis nas grandes cidades, já esteve aqui na cidade de Maputo durante muito tempo, a distribuir sopas. Agora conseguiu uma oferta de instalações físicas por parte do Porto. Esta acção também foi empreendida pela FDC, há muitos anos, que foi a utilização das áreas criativas, como o artesanato e tecelagem, para a capacitação de pessoas vulneráveis. Então, nós, claramente, temos utilizado a área criativa para elevar as habilidades das pessoas para que possam desenvolver produtos e colocá-los no mercado nacional e internacional, e gerar rendas.

"Não há empreendedorismo sem o sector cultural e criativo"

Ndzila - Há relação entre as indústrias culturais e criativas e o empreendedorismo?

Sem dúvidas! Costumo olhar para o sector cultural e criativo como a base do sector privado, que abre espaço para que as pessoas possam experimentar, comercialmente, as suas habilidades. Os indivíduos têm habilidades e capacidades criativas humanas, que dão os seus primeiros passos buscando mercado: são micro-empreendedores.

Portanto, não se pode pensar em indústrias culturais e criativas sem se pensar no empreendedorismo.

Ndzila - Como especialista em Indústrias Culturais e Criativas, que metas pretende atingir, a curto, médio e longo prazo?

A longo prazo, aumentar a visibilidade dos produtos dos artistas moçambicanos para o público nacional e internacional. A curto prazo, trabalhar e contribuir para a profissionalização dos vários intervenientes da cadeia de valor e desenvolver, nos moçambicanos, a consciência de financiamento às artes.

como uma responsabilidade que vai além do sector público. Precisamos desenvolver, na nossa sociedade, uma cultura de filantropia às artes e ao envolvido.

Nós temos essa posição de Culturas Criativas e Culturais, mas essa posição veio camuflar ou reduzir a responsabilidade do financiamento às artes, porque acham que as artes são sustentáveis ou auto-sustentáveis.

"O sector cultural e criativo ainda não é auto-suficiente financeiramente"

Não é bem verdade. Não só em Moçambique, mas no mundo inteiro. O desenvolvimento do sector cultural e criativo depende muito do investimento que as entidades públicas, o sector privado e as organizações sem fins lucrativos fazem. A sociedade precisa compreender que, se quiser ver este sector desenvolvido, deve, na estratégia de responsabilidade social, nas abordagens de financiamento ou desenvolvimento da sociedade, dar primazia ao financiamento e comprometer-se com o desenvolvimento do sector cultural e criativo.



A recente Directora-Geral do Instituto Nacional das Indústrias Culturais e Criativas (INICC) é Pós-Graduada em Gestão de Cidades e Empreendimentos Criativos pela Universidade Nacional de Córdoba, na Argentina, e Mestre em História de Moçambique e de África Austral pela Universidade Eduardo Mondlane.

Desenvolve pesquisas nas áreas de gestão de indústrias culturais e criativas e do património cultural, com particular interesse na análise do potencial económico das artes e da cultura para o desenvolvimento local, bem

como no estudo de memórias colectivas.

É co-autora da 1^a e 2^a Edição do livro "Indústrias Culturais: Que São? Como Gerir?". É autora de vários artigos publicados em revistas científicas, de lazer e em jornais de Moçambique e revistas internacionais. No seu percurso, destaca-se ter sido, durante 9 anos, curadora da Fortaleza de Maputo. Matilde Muocha é alumnai do IVLP (Visitante Internacional em Liderança para Preservação Cultural) do Governo Americano, Edição 2011.

Antes de chegar ao INICC, exercia as funções de Directora-Geral-Adjunta para Área de Administração e Finanças no Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC), instituição onde exerceu, igualmente, as funções de Directora-Adjunta da Faculdade de Estudos de Cultura, bem como a de Chefe do Gabinete do Director-Geral.



INDÚSTRIAS CULTURAIS E CRIATIVAS

CRIAÇÃO DA X-HUB E SUA INFLUÊNCIA NA ECONOMIA CRIATIVA LOCAL

1. Mesmo para começar a nossa conversa, como é que surge a Incubadora de negócios criativos o X-Hub?

Saudações **Simão Pedro**, A XHUB como o nome diz Incubadora de Negócios Culturais e Criativos é um projecto que surge na época da Pandemia da COVID 19 quando notamos a fragilidade do sector cultural e criativo, visto que,

ficou claro que apesar de a cultura ser o principal vector social e de diversão, os proprietários das obras não tinham a uma dada altura algum retorno o que até certo fragilizou o sector devido a falta de retorno financeiro em benefício dos artistas.



2. Como é a responsabilidade de carregar o facto de ser a primeira do género a nível da África lusófona?

Acredite, é desafiante! Note que depois da instalação e inauguração o resto dos países lusófonos africanos começaram a contactar-nos para compreender a viabilidade do projecto e os principais pilares que na íntegra são sustentados pelos diversos seguimentos artísticos culturais que nós-XHUB fazemos a ponte e a sua projecção.

3. Como define o objectivo desta incubadora de projectos culturais?

É simples definir o objectivo da XHUB até porque já na primeira questão elenquei parte dela que é a questão da valorização da arte e os seus fazedores. Numa outra perspectiva é também um ponto que é preciso começarmos a mexer com alguma sensibilidade e com tonalidade crítica. Ora vejamos, temos ao nível nacional artistas que já fazem colaborações artistas internacionais mas que precisam de alguma assessoria para a criação dessa cadeia que na verdade é de valores. Repito! É uma questão crítica que só a XHUB e os diversos programas, como Workshops e intercâmbios podem resolver.

4. Qual é a filosofia por trás da incubadora e qual é o seu diferencial?

Compreendo a filosofia como sendo métodos e estratégias de trabalhos. Nessa perspectiva, é simples também compreender que o nosso papel é mesmo de dar e conferir respeito ou mesmo dignidade dos criativos que no manancial artístico moçambicano há muito que mostrar e internacionalizar. O diferencial que é nós apresentamos é relacionado com a componente de formação que antes usamos para dotar os artistas de conhecimentos aprofundados sobre o por detrás do negócio das artes

5. Como é feita a selecção dos projectos que serão incubados e quais critérios são considerados? E como a incubadora apoia as empresas durante o período de incubação?

Simão tem até certo ponto acompanhado a casa e as nossas actividades. Mas permita-me lhe descrever os processos. Nós como XHUB temos como missão Incubar todos os seguimentos artísticos. Mas como bem Sabe essa missão em 1 ano não é impossível mas fácil também não, porém, temos projectos diversos que estamos a incubar e empresas de seguimento criativos que estão a receber esse benefício de incubação. No seguimento de empresas criativas trabalhamos mais com

a regularização e capacitação de gestão para que sejam mais consistentes.

6. Agora uma curiosidade, como um negócio cultural e criativo relaciona-se com outros tipos de negócios?

Risos... Conhece algum tipo de seguimento de negócio que não envolva a criatividade? Parece que não. Por isso mesmo que a arte e a criatividade acompanha tudo no mundo e a XHUB quer resgatar e consciencializar a sociedade sobre esse detalhe que parece reduzido mas de grande valia social.

7. Qual é o impacto que a incubadora espera ter na economia local e na cena empresarial?

Quanto aos impactos julgamos que já começamos a ter que é ser referência na questão de rentabilização dos artistas e a sua colocação em plataformas de venda de obras tanto nacionais e internacionais. Economicamente ser um ponto para inspiração dos artistas para garantir a sua rentabilização.

8. Qual é o impacto que a incubadora espera ter na economia local e na cena empresarial?

A formação é o segredo. O processo de incubação já leva consigo essa componente de gestão empresarial para que os criativos possam saber e desenhar estratégias de manutenção das suas empresas.





9. Nos últimos tempos, tem-se discutido muito sobre como transformar as culturas criativas em áreas rentáveis. Qual é o seu posicionamento sobre o assunto e tendo em conta o contexto moçambicano?

Pode parecer que existe contexto moçambicano, português e ou francês acena é que cada cultura complementa a outra. Pensando no mosaico cultural moçambicano julgo que há muito que apresentar além-fronteiras e a criatividade nacional é e sempre foi rentável. Observe que também somos muito bem apreciados para dinamizar e criar sempre intercâmbios internacionalmente. Um exemplo se não vários, já parou para pensar quantos trabalhos de fim de curso de brasileiros sobre a cultura e criatividade moçambicanos são apresentados anualmente? Ou quantas exposições de artes moçambicanos levam para o estrangeiro anualmente? E ainda não falei da exposição musical ou mesmo cinematográfica, moda que também é digna de realce internacional.

10. Como a incubadora está envolvida com a comunidade local e com outras instituições do sector empresarial?

Já é tempo de pensar que artista é empresa. E parte dos nossos esforços é trazer e sustentar essa posição que a sociedade e outras empresas de seguimentos diferentes que a XHUB leva e desenvolve é que ao reconhecer que artista é empresa cria a primeira linha de Co-work especialmente para criativos e a preços totalmente bonificados para

também garantir que as suas empresas possam ter uma sede e acima de tudo um ponto condigno para se reunião com os clientes e o mesmo para tomar um café sem precisar de fazer muitos esforços. Como adição é preciso saber que a XHUB é uma incubadora que apresenta diversas alternativas para os criativos, visto que dispõem de espaços de criação, como é o caso de estúdios para áudio e vídeos, uma distribuidora de conteúdos, galeria de artes, espaço de restauração e de espetáculos.

11. Qual é a visão futura da incubadora para os negócios criativos nos próximos anos?

É tornar a XHUB uma referência nacional de incubação de negócios e de principal ponto para buscar artistas e suas obras. Por isso, que intensificamos os intercâmbios artísticos para que esses laços possam ter uma base sustentável assenta a criatividade.

Incubadora de Negócios Criativos

Venha incubar o seu negócio aqui

GALERIA

ESPAÇO COWORK

**PRODUÇÃO
AUDIO
VÍDEO
RESTAURANTE**

Venha visitar o nosso espaço criativo.

A X-HUB – Incubadora de negócios criativos pretende contribuir para o desenvolvimento acelerado da economia criativa local com projeção futurística. Proporcionamos um espaço para criação, capacitação e mentoria em competências para negócios criativos, alargamento de rede de contactos e acesso a serviços e infraestrutura compartilhada com o objetivo de elevar o valor e a visibilidade dos produtos e serviços criativos. Dispomos de num ambiente de co-work para os profissionais criativos trabalharem e colaborarem. O espaço visa também acolher apresentações musicais, exposições de arte e workshops. Os criativos que operam na área de produção de áudios e vídeos tem acesso aos estúdios para dinamizarem as suas produções que prospectivam uma nova dinâmica para a economia criativa local.

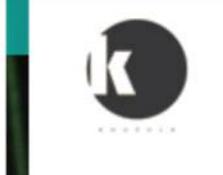
Av. Ahmed Sekou Touré N° 1957 R/C Cidade de Maputo - Moçambique
+258 84 350 0035 / +258 87 650 0035 info@xhub.co.mz

www.xhub.co.mz

EM PARCERIA COM:



CO-FINANCIADO POR:



PARCEIROS:



MAGAZINE



SHELZIA SAMETE MUCAVELE

NUMA ECONOMIA ONDE A MAIOR PARTE DOS PRODUTOS INDUSTRIALIS SÃO IMPORTADAS, HÁ SEMPRE LACUNAS POR PREENCHER.

1. Os nossos leitores devem estar curiosos em saber o que é Rovuma Tech LDA. Como vocês definem a Rovuma Tech LDA e quais são os seus principais produtos/serviços?

A Rovuma Tech é uma empresa responsável pelo fornecimento de materiais económicos, sustentáveis e duráveis. O empreendimento está no mercado há 8 anos, tendo iniciado as suas actividades na África do Sul. De seguida, em 2020, abriu a sua sucursal em Moçambique, para estar alinhada à política de local content e para se integrar numa economia em desenvolvimento, repleta de oportunidades para o sector empresarial.

Ao nível dos serviços e produtos que a Rovuma oferece, são múltiplos, circunscrevendo-se em materiais para a área de oil & gas, para agricultura, materiais eléctricos, entre tantos outros.

2- Quando é que surge a ideia de abrir mais uma surcursal da Rovuma Tec aqui em Moçambique?

Recebemos um convite através da nossa empresa-mãe, na África do Sul, para termos um contrato com a Vulcan, que, antes, se chamava Vale. No entanto, o contrato era válido por seis meses. Depois disso, tínhamos de abrir uma sucursal cá aqui em Moçambique. Foi a partir daí que decidimos abrir a Rovuma Tech LDA no país.

3- Desde a sua existência até aos dias actuais, quais são as lacunas de mercado que a Rovuma Tech Lda identificou e já conseguiu solucionar e contribuir para o desenvolvimento do nosso país?

Numa economia onde a maior parte dos produtos industriais são importados, há sempre lacunas por preencher, não só na distribuição de produtos de maior eficiência, mas também no fornecimento de serviços especializados. Neste domínio, a Rovuma foi a única empresa em Moçambique a fornecer e instalar sistemas de lubrificação automática na linha férrea da Vale, ao longo do corredor do norte, numa extensão de 920 km de Moatize a Nacala, atravessando Malawi. Temos desenvolvido, também, sistemas de proteção radiológica através da Unic Service, uma divisão que criámos para preencher as lacunas que existiam no que diz respeito ao fornecimento de dosímetros e monitoria de níveis de emissão e exposição radiológica.

4- A Rovuma Tech Lda possui uma ampla experiência e conhecimento da indústria de Petróleo e Gás. Tendo em conta o início da extração e exportação do GNL no Norte de Moçambique, a Rovuma Tech Lda tem tido alguma participação nesse projecto?

Sim, temos participado activamente e, maioritariamente, no fornecimento de equipamentos de proteção individual, componentes electrónicos e equipamentos especializados. Esperamos poder alargar o nosso escopo de fornecimento com a retomada das actividades da Total.

5- Shelzia, sendo que a Rovuma é uma empresa especializada no fornecimento de equipamentos de trabalhos e tecnológicos, como avalia o impacto da rápida transformação tecnológica que ocorre no mundo e que parece colocar em risco a mão-de-obra humana? Falo da substituição das máquinas robóticas, isto melhora ou piora os serviços tecnológicos?

As transformações tecnológicas são inevitáveis e os seus benefícios são bons para a economia global, no que diz respeito à eficiência, produzindo mais despendendo menos recursos. Em contrapartida, o desemprego aumenta, visto que as pessoas acabam sendo substituídas por máquinas. Aliás, nós vivemos isso no processo que curvas na linha férrea era feita de forma manual. Agora, com as máquinas introduzidas, houve redução de 95 % da mão de obra, visto que a única tarefa que ficou é a manutenção das





máquinas que inclui, entre outras pequenas atividades, o abastecimento de greases. Não obstante, acreditamos que o nosso país ainda é virgem. Portanto, a desmobilização de mão-de-obra num sector permite o emprego da mesma mão-de-obra noutro sector. Estamos a testemunhar a grande demanda de mão-de-obra no sector de construção, no oil and gas e outros sectores emergentes, como mineração e agricultura. Haverá sempre espaço para que o desemprego esteja em níveis mínimos, comparativamente com as economias desenvolvidas, nas quais se verifica algum congestionamento e pouca margem de empreendedorismo e geração de novos empregos.

6- Para além da Total, com que empresas a Rovuma Tech tem trabalhado ou já trabalhou?

A Rovuma Tech, neste momento, está a trabalhar com ONGs, como a Fall, a Kiev international. Como mencionei, já trabalhamos com Vale (actual Vulcan), Total, Sasol e muitas outras corporações. Enfim, estamos cadastrados em vários sectores de trabalhos, como na HCB, na CCS.

8- Para a Rovuma Tech, qual foi a experiência que mais vos marcou?

Nós gostamos de desafios. Esse é o nosso lema: aceitar desafios, porque é isso que nos torna únicos. Foi-nos uma experiência indescritível, por exemplo, o facto de sermos a primeira e, se calhar, a única empresa, ao nível nacional, a instalarmos o sistema de manutenção automática de linha férrea.

9- Neste momento, estão sediados apenas em Maputo ou em outras zonas do país?

Temos uma sucursal em Nampula, num contrato com a Vulcan. E temos em Pemba, pois instalámos lá um armazém que contém todo o tipo de produto para a distribuição às ONGs.

10- Quais são os planos de curto prazo que a Rovuma Tech Lda pretende concretizar neste ano? E quais são os seus planos de longo prazo?

A curto prazo, pretendemos consolidar as demandas dos nossos clientes frequentes e posterior armazenamento dos itens de maior rotatividade em locais próximos às suas operações, por forma a reduzir os prazos de entrega e os custos de importação e logística, através da economia de escala. Já estamos presentes, activamente, em Maputo e Nampula. Com o retorno das operações da Total, almejamos reabrir os nossos escritórios em Pemba. A médio prazo, almejamos reduzir os nossos custos logísticos, priorizando algumas das nossas actividades que, até ao momento, haviam sido terceirizadas pelo volume de transações que não justificava tamanho investimento. Por exemplo, a aquisição de camiões próprios para o transporte de mercadorias ao longo do país.

Por fim, a longo prazo, tencionamos ser uma referência obrigatória a nível nacional no fornecimento de serviços e equipamentos industriais, especialmente de serviços às operações de oil & gas em offshore e aviação.

DOING SO MUCH MORE WITH LESS

- AQUISIÇÃO DO DIA A DIA
- GÁS DE PETRÓLEO
- INDUSTRIA DE MINERAÇÃO
- INFRAESTRUTURA FERROVIÁRIA E MATERIAL RODANTE
- BOMBAS E VÁLVULAS
- EQUIPAMENTO ELECTRICO
- PRODUTOS DE SOLDAGEM
- EMPILHADEIRAS E SOLUÇÕES DE ELEVAÇÃO



ENDEREÇO:

9 De La Rey Road, Rivonia

Av. 24 De Julho N° 370, 2º Andar

CONTACTO:

+27 82 6162 017

+258 84 3076 534

EMAIL:

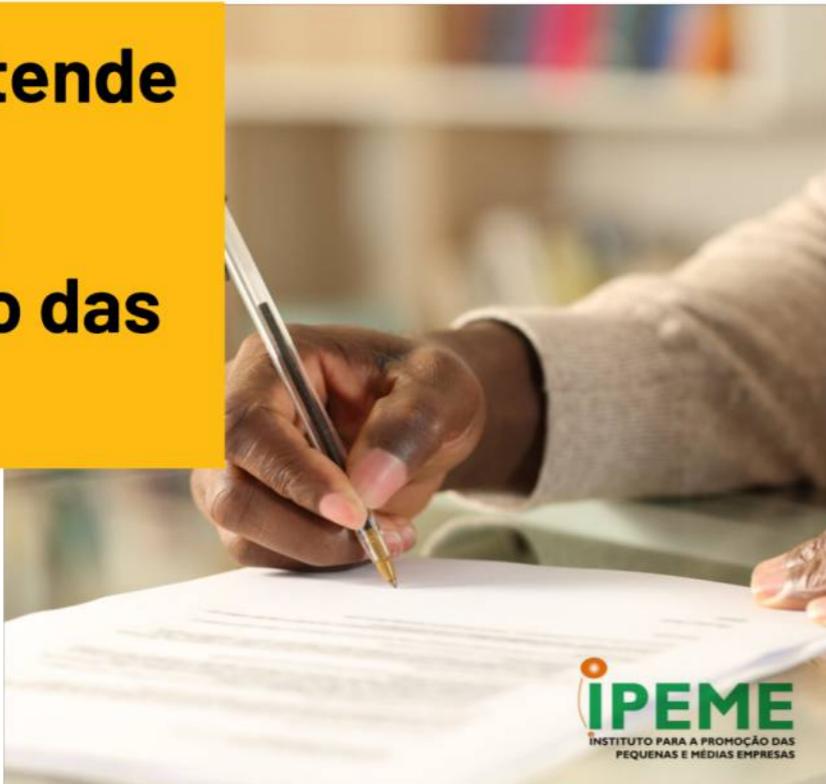
sales@rovumatech.com

vendas@rovumatech.com

O IPEME pretende fortalecer o processo de formalização das (MPMEs)

O Instituto de Promoção de Pequenas e Médias Empresas (IPEME), representado por Silvo Álvaro, defendeu, durante o evento organizado pela African Union Development Agency (Agência de Desenvolvimento da União Africana), que o mercado económico moçambicano é dominado pelas pequenas e médias empresas localizadas na cidade e província de Maputo. De igual modo, são as que mais empregam, em comparação com as grandes empresas, daí que precisam de formas simplificadas de se formalizar e continuar com o seu trabalho. Na visão do IPEME, exposta por Silvo Álvaro, estas empresas enfrentam certos desafios, porém elencou três, que acredita serem os principais. O primeiro é a formalização das actividades económicas.

Segundo defendeu, ao superar-se este desafio, pode-se criar um alinhamento com todas as outras componentes do ponto de vista de competitividade no mercado.



"A competitividade é um problema geral. As nossas empresas têm um grande desafio relacionado ao problema da formalização, que faz com que não tenhamos acesso a outros mercados mais competitivos" disse Silvo Álvaro.

Um outro desafio explicado no evento é a questão do fortalecimento das Pequenas e Médias Empresas existentes, sejam elas formais ou informais. Elas precisam ser fortalecidas através das capacitações e outros segmentos que podem ajudar. "O ponto é sobre como gerar novos empresários através da incubação das ideias e das empresas". Por último, o IPEME entende que a representação em todo canto do país é importante e considera este um desafio que

a instituição precisa ultrapassar para melhor avançar com seus projectos.

Silvo Álvaro apontou ainda que o sector a grosso é o que mais demanda, o que se acaba revertendo na componente das importações que, infelizmente, são as micro e pequenas empresas que importam mais material: "infelizmente continuamos a importar mais do que exportar".

"NO NOSSO PONTO DE VISTA E OLHANDO PARA OS NOSSOS DESAFIOS, NÓS ENTENDEMOS QUE A INDUSTRIALIZAÇÃO É MUITO IMPORTANTE PARA DESENVOLVER O EMPREENDEDORISMO"

Quanto aos caminhos a seguir, o IPEME entende que muitas das dificuldades do sector empresarial estão muito ligadas às questões programáticas. Por isso, a instituição tem um grande desafio de poder aprovar a lei das pequenas e médias empresas, onde há elementos de competitividade que vão ajudar no desenvolvimento dessas empresas.

Silvo Álvaro contou que o IPEME tem uma estratégia desenvolvida em 2017, com um universo temporal de 15 anos. Com a mudança do mercado, sente-se uma necessidade de revisão, uma vez que o foco daquilo que o instituto tem em pensamentos, tem muito a ver com a coordenação institucional, formalização do sector informal.

"Nós olhamos para a formalização não do ponto de vista de ter licença, mas do ponto de vista das pessoas terem todas as componentes de competitividade em ordem e outros elementos que são importantes" disse Silvo, acrescentando que o foco deve estar, também, na questão do incentivo das empresas para se poder potencializá-los, sem se deixar à margem a importância do financiamento



CRÓNICA

A RETÓRICA DO INVESTIMENTO PESSOAL



O que mais atrai o ser humano a escolher uma determinada carreira, emprego, bairro para viver, mulher com quem casar, estilo de vida ou sonho é sempre a possibilidade de alcançar os primordiais objectivos pessoais, designadamente: bem estar, saúde, felicidade e enriquecimento.

É verdade que para alcançarmos qualquer objectivo digno requer sacrifícios, comprometimento e estratégias, ainda assim, distrair-se ou perder-se no meio do percurso é uma probabilidade a que somos tentados nesta sociedade contemporânea, por isso, a importância de mantermos o foco.

No entendimento de David Allen (p.68), extraído no seu livro *Getting Things Done: A Arte de Fazer Acontecer*, reflete a dado passo sobre o poder do foco, determinando que "Quando você se concentra em alguma coisa – as férias que vai tirar, a reunião na qual está prestes a entrar, o produto que deseja lançar – esse foco cria, instantaneamente, ideias e

padrões de raciocínio que, de outra forma, você não teria".

Ele vai mais longe ainda, referindo que "até a sua fisiologia responderá a uma imagem que está em sua mente como se ela fosse real" p.69.

Algumas pessoas podem entender que ser demasiado seguro naquilo que queremos fazer da vida empreste ao nosso carácter um tique de soberba- é que o foco influencia na auto-confiança e na nossa forma de ser e estar. Diante da crença que todos estamos seguros que a vida é o bem mais precioso que dispomos e amamos, devemos investir para o desenvolvimento dela- e o investimento passa necessariamente por focarmo-nos no estudo das estratégias e histórias de vida daqueles que foram os maiores nos campos da filosofia, literatura, música, pintura, religião, política, desporto e por aí em diante.

Portanto, aquele que vive focado fazendo somente aquilo que ama ou que lhe foi predestinado a fazê-lo é por inerência uma pessoa entre comas mais feliz, pelo menos, na minha da perspetiva.

O mais importante objectivo na vida é o amor e amor significa felicidade. Dentro deste entendimento, são privilegiados todos aqueles que vivem fazendo o que mais gostam.

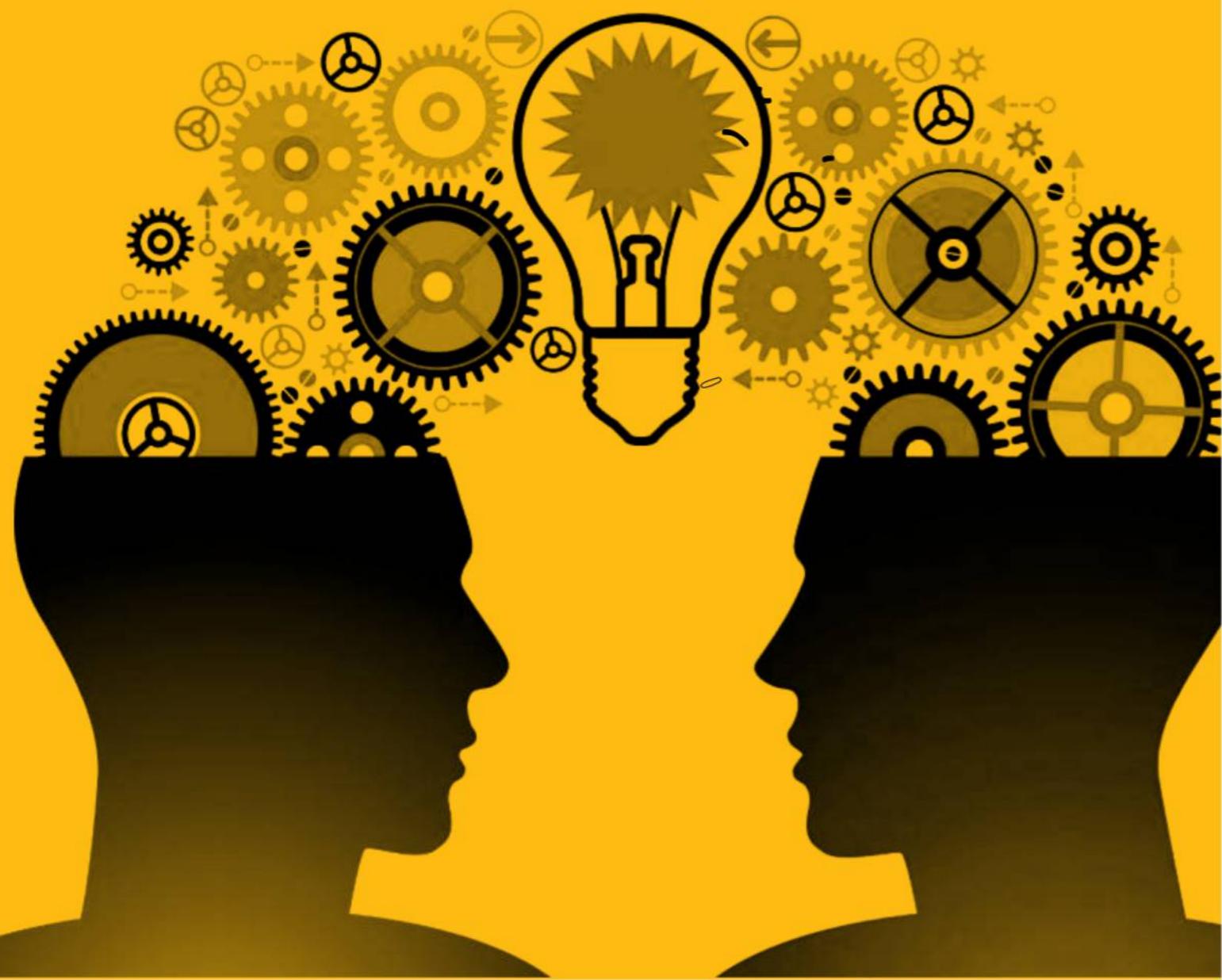
Investir em si é estudar, treinar e praticar bons e saudáveis hábitos em vertentes da vida. Ainda que capitulemos numas e noutras, continuar a seguir muitos pequenos objectivos leva-nos a grandes objectivos.

Investir em si, nada mais é do que investir no seu futuro, dos seus filhos e dos filhos dos seus filhos.

Autor: Hélder Mangumo



O QUE A SOCIEDADE PENSA?



Recentemente, o distrito de Boane, na Província de Maputo, sofreu com os impactos da forte chuva que atingiu a cidade e província de Maputo, resultando em tragédia para muitas famílias. A água destruiu tudo o que elas tinham em suas casas e campos de cultivo, deixando-as sem nada. Diante da gravidade da situação, pessoas de todas as partes da cidade uniram-se para ajudar as pessoas afectadas. Eles usaram barcos e drones para alcançar os locais mais afectados e realizar reconhecimentos, contribuindo para o resgate das pessoas que tiveram suas casas inundadas.

Quando olha para os prejuízos causados pela chuva, a quem deve ser atribuída a responsabilidade, ao município, aos moradores ou são as mudanças climáticas em acção?

Delma Inácio, 30 anos

Inundações são um problema complexo que requerem uma abordagem holística e participação de todas as partes envolvidas. Embora todos tenhamos uma certa responsabilidade em prevenir e lidar com esses desastres, é preciso destacar que, em muitos casos, o município é o principal responsável.

As mudanças climáticas são uma realidade incontornável e, infelizmente, não estão sob o controle directo do homem. No entanto, a falta de urbanização adequada é uma questão antiga que tem sido fonte de debate e incerteza há muito tempo. É fundamental que os governos e a sociedade em geral trabalhem juntos

para garantir que as áreas urbanas sejam planejadas e desenvolvidas de maneira a minimizar os riscos de inundações e outros desastres naturais.

Que medidas devem ser tomadas de agora em diante?

O reassentamento de pessoas afectadas por inundações pode ser uma solução temporária, mas é importante levar em consideração as condições mínimas de vida dessas pessoas. Infelizmente, muitas vezes as pessoas acabam retornando aos seus antigos bairros porque as condições de habitação e acesso a serviços básicos não são atendidas em seus novos locais de moradia.

Por fim, cabe ao governo agir e implementar planos de urbanização e organização dos bairros, pois já existem projectos e planos em vigor. É importante que o governo garanta que as áreas urbanas sejam desenvolvidas de maneira a minimizar os riscos de desastres naturais.

Ildo Bila, 35 anos

Todos nós temos uma parte de responsabilidade quando se trata de inundações, mas em nosso caso específico, o município é o principal culpado. As mudanças climáticas são eventos naturais que não estão sob o controle humano, mas a falta de urbanização adequada é um problema antigo e continua a ser uma fonte de polémica e incerteza.

É difícil para as pessoas que foram reassentadas lidar com condições diferentes das que estavam acostumadas. Embora o reassentamento possa ser uma solução, é importante ter em mente que as condições mínimas de habitação precisam ser atendidas. Infelizmente, muitas vezes as pessoas acabam retornando aos seus antigos bairros devido à falta de acesso adequado e de condições mínimas de vida.

Que medidas devem ser tomadas de agora em diante?

Cabe ao governo agir e implementar planos de urbanização e organização dos bairros, pois já existem projectos e planos em vigor. É importante que o governo deixe de se concentrar em si mesmo e comece a olhar para o bem-estar da população.



Sandra Martins, 24 anos

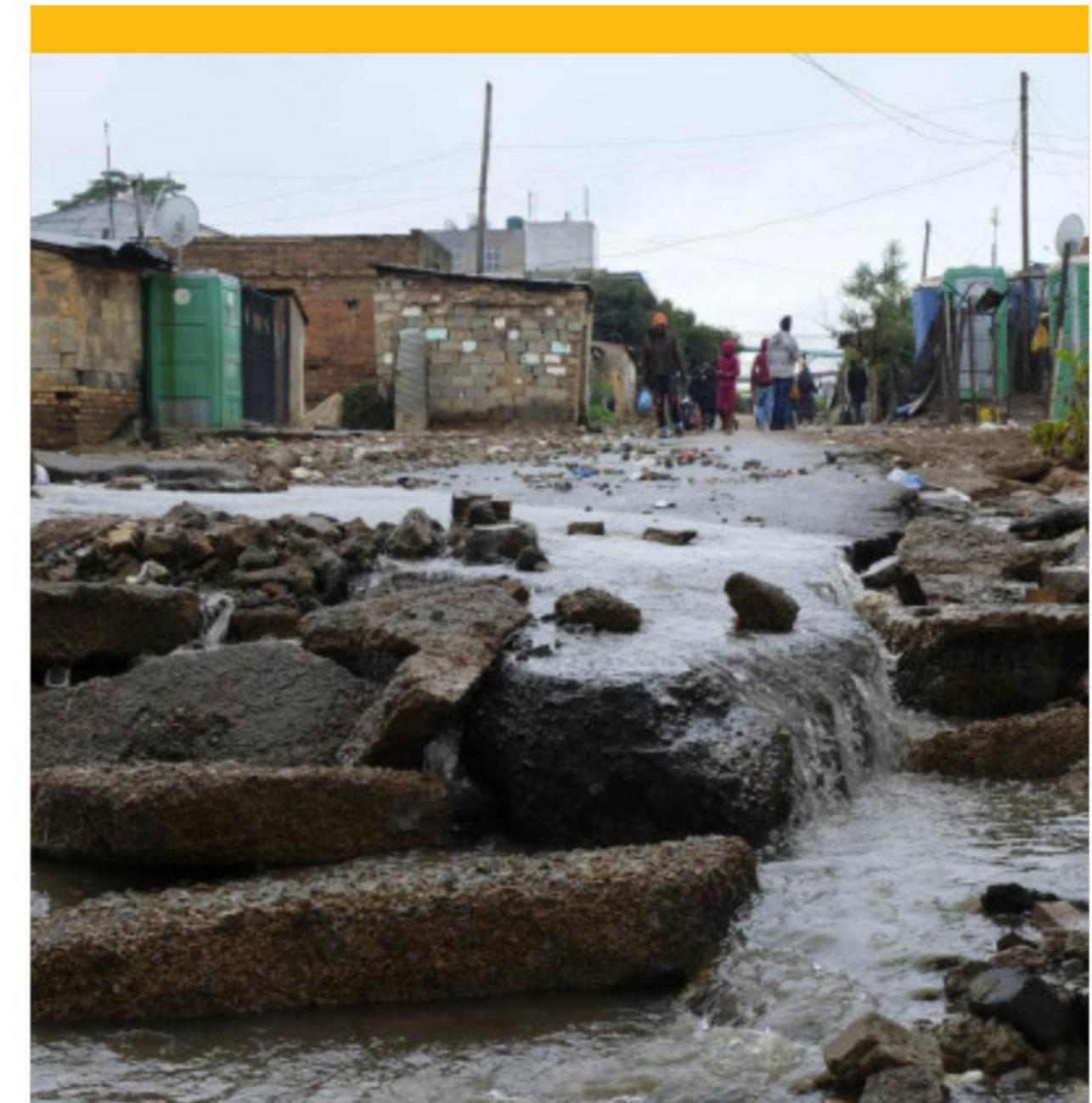
Ao se falar de inundações, é importante lembrarmos que não existe apenas um culpado. A verdade é que todos nós temos um papel a desempenhar na prevenção e gestão desse tipo de desastre. No entanto, acredito que a sociedade em geral é a maior responsável pela situação actual.

Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que as mudanças climáticas são uma realidade global que ultrapassa as fronteiras e as responsabilidades individuais. No entanto, a forma como construímos nossas cidades e comunidades tem um impacto directo na probabilidade e intensidade desses desastres. Além disso, muitas vezes as pessoas escolhem construir em áreas de risco, ignorando os riscos de inundações e outros desastres naturais.

Embora o governo tenha uma responsabilidade em garantir que as áreas urbanas sejam planejadas e desenvolvidas de maneira adequada, a sociedade também tem a responsabilidade de tomar decisões conscientes sobre onde construir suas casas e comunidades.

Que medidas devem ser tomadas de agora em diante?

É importante lembrarmos que a solução para esse problema não está apenas nas mãos do governo, mas sim em uma abordagem colaborativa que envolva todos nós, governo e sociedade. Somente trabalhando juntos poderemos construir comunidades mais resilientes e minimizar os riscos de inundações e outros desastres naturais.



Henrique Santana, 25 anos

É evidente que o governo não estava preocupado com a situação, pois, caso estivesse, teria tomado medidas para proibir a ocupação inadequada ou para garantir que as infra-estruturas fossem adequadamente planejadas e organizadas. Como vimos, as barragens estavam operando

acima de sua capacidade máxima e nada foi feito para remediar a situação. Além disso, as pessoas que residem em áreas de risco não foram devidamente avisadas sobre a possibilidade de chuvas intensas, o que deixou muitos despreparados para lidar com o desastre.

Que medidas devem ser tomadas de agora em diante?

Dante disso, é fundamental que haja um aumento no controle e na responsabilidade tanto da população quanto dos órgãos competentes para evitar futuros incidentes.

A NDZILA AGRADCE AO APOIO E COLABORAÇÃO DE: